

Dois séculos antes da construção de Brasília, a região onde fica o Distrito Federal abrigou minas e garimpos. Hoje esconde sítios históricos coloniais de inestimável valor

Brasília: 26 de junho de 2001
Antonio Vital: Correio braziliense

A modernidade de Brasília soterrou um tesouro histórico. Na metade do século XVIII (isso mesmo, por volta de 1750!), estradas abertas pelos bandeirantes, provavelmente sobre picadas usadas por índios, eram percorridas anualmente por algo em torno de 6 mil pessoas. A região era um entroncamento econômico importante 250 anos antes da construção da nova capital, período ignorado nos livros didáticos adotados pelas escolas públicas do Distrito Federal.

Pouca gente sabe que a atual rodovia DF 001, a pista que circunda o Parque Nacional e vai do balão do Colorado a Brazlândia, era uma Estrada Real. Ainda podem ser vistos, ocultos pelo mato em uma estação da Caesb perto do balão do Colorado, restos de um posto fiscal colonial, a antiga Contagem de São João. A Coroa portuguesa mandou erguer ali uma barreira de fiscalização para impedir que o ouro extraído em Pirenópolis e Luziânia (aliás, Meia Ponte e Santa Luzia) escorresse em direção à Bahia.

Da Contagem de São João a Luziânia eram necessários dois dias de viagem a cavalo. Essa estrada passava por onde é hoje o Plano Piloto. A paisagem vista pelos viajantes do século 18 é descrita em extensos diários que sobreviveram aos séculos e são minuciosamente garimpados por alguns poucos pesquisadores. Um deles é o professor Paulo Bertran, autor do livro História da terra e do homem do Planalto Central, considerado um clássico da historiografia da região Centro-Oeste.

A primeira edição do livro de Bertran foi publicada em 1994, depois de sete anos de pesquisas. Sete anos depois da publicação, a obra permanece relativamente desconhecida fora dos círculos universitários. Nesse meio tempo, a especulação imobiliária e o inchaço das cidades do Distrito Federal e do Entorno se encarregaram de diminuir ainda mais os vestígios da ocupação humana pré-Brasília. No imaginário dos brasilienses, o quadrilátero do Distrito Federal era um imenso deserto, onde não acontecera nada antes do primeiro trator cortar o solo do cerrado por ordem de Juscelino Kubitschek em 1955. Mas isso não é verdade.

“Existe ainda muita coisa a ser descoberta”, explica Bertran, 53 anos, em Brasília desde 1958. Conselheiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e membro dos institutos Histórico-Geográfico do DF e Goiás, o professor se formou na UnB e fez pós-graduação na França. Nos últimos 15 anos, vasculhou arquivos em cidades do Entorno e em Portugal para descobrir o que a historiografia oficial brasileira omite. Esse esforço é



sustentado por patrocinadores, de quem Bertran depende para dar continuidade a sua obra.

O mais antigo relato encontrado por Bertran sobre o Distrito Federal é o diário de viagem do quarto Capitão-General da Capitania de Goiás, dom José de Almeida e Vasconcelos de Soveral e Carvalho. Ele cruzou o território do atual DF duas vezes, em 1772 e em 1773. Da primeira, viajando entre Luziânia e Pirenópolis, cruzou o rio Ponte Alta, lugar hoje pertencente ao Gama. Da segunda, veio do norte (de Tocantins, passando por Alto Paraíso, São João da Aliança e Formosa, na época um arraial batizado de Couros devido ao comércio de peles de animais).

Dessa vez existe uma descrição mais detalhada da região. O governador pernitoou na Contagem de São João e depois se dirigiu a Luziânia. No caminho, cruzou o atual Plano Piloto, atravessou os ribeirões do Torto e Vicente Pires e dormiu no ribeirão do Gama antes de chegar a seu destino. Em 1857 já se denominava Vicente Pires o ribeirão hoje cercado por condomínios irregulares. No século 18, o Vicente Pires era protegido por imensas matas de galeria e assim permaneceu até a construção de Brasília. Essa floresta aparece no Relatório Belcher, como ficou conhecido o estudo da região elaborado em 1954 como primeiro passo para a construção da nova capital.

Os relatos antigos permitem enxergar o impacto da construção de Brasília sobre a região. Praticamente todos os ribeirões mencionados pelos viajantes desde o século XVIII estão comprometidos. O rio Melchior, onde pesquisadores do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) descobriram, três anos atrás, vestígios de presença humana datados de 8 mil anos, recebe todo o esgoto sem tratamento de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia — 500 mil habitantes. O rio Alagado recebe todo o esgoto do Gama, Recanto das Emas e Santa Maria, através do rio Ponte Alta, onde o governador pernitoou 229 anos atrás.

Você sabia?

Provavelmente, existia um quilombo no lugar onde hoje é a penitenciária da Papuda.

O lugar onde é hoje a Colina, setor habitacional de professores da UnB, tinha denominação de Morro de Corisco no século 18.

Nas imediações de Planaltina de Goiás existe uma pequena lagoa com mais de 180m de profundidade. Ela é uma das referências do mapa do tesouro deixado por Urbano do Couto no século 18.

Os primeiros bandeirantes chegaram à região do DF na década de 20 do século 18 e encontraram gado vindo do Nordeste. Ou seja, fazendeiros nordestinos chegaram aqui antes dos bandeirantes.